

atlas
de **RELAÇÕES**
INTERNACIONAIS

N.º 27

CAMERUM — REPÚBLICA FEDERAL

DELGADO DE CARVALHO

1 — Condições Físicas — 2 — Populações — 3 — Situação
Econômica — 4 — Histórico — 5 — A Independência. 2

A REPÚBLICA DE HONDURAS

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Aspectos Geo-Econômicos — 2 — Aspectos Geopo-
líticos. 7

AS ANTILHAS DOS ESTADOS UNIDOS

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Aspectos Geo-Econômicos — 2 — Aspectos Históricos e
Políticos — 3 — Situação Atual. 12

A REPÚBLICA DE COSTA RICA

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Aspectos Geo-Econômicos — 2 — Formação do Es-
tado. 16

Camerum -República Federal

DELGADO DE CARVALHO

1 — Condições físicas

Poucos países da África tiveram destinos mais diversos do que a região equatorial denominada *Camerum* que se acha no fundo do *golfo da Guiné*, entre a Nigéria e as repúblicas centrais que pertenceram à França (Tchad, Central-Africana, Congo e Gabão). Não somente mudou várias vezes de estatuto político, como também de extensão territorial e zonas fisiográficas.

Atualmente é um Estado Independente, com cerca de meio milhão de quilômetros quadrados, povoado com cerca de seis milhões de habitantes. A sua costa apresenta uma curva característica do continente africano, como que encerrando a ilha de Fernando Pó na baía de Biafra.

O nome da região é de origem contestada; uns dizem que foi dado pelos portugueses que nela encontraram camarões; de fato, no século XV o navegador Fernando Pó andou por lá. Outros dizem que foi o explorador inglês Lovett Verney Cameron, que lhe deu o nome. Qualquer que seja a história onomástica da antiga "*Costa dos Camarões*", o país tomou em todas as línguas o nome de Camerum, exceto em Portugal.

Sob o ponto de vista físico, o país pode ser dividido em três regiões principais:

a) O *Camerum Ocidental*, matoso e úmido, que abrange a planície e os baixos planaltos percorridos pelos cursos de rios, dos quais os mais importantes são o *Sanaga* e *Nyong* cujos leitos estão encravados em regiões de colinas. A feição física desta região é a *linha de fraturas* orientada de sudoeste para noroeste, que pode ser traçada desde o oceano, pelas ilhas de Anobom, S. Tomé e Fernando Pó, até os montes Mandara, além do alto-Benué. É neste maciço que se destaca, com pouco mais de 4.000

metros de altitude, o *monte que recebeu o nome de Camerum*, e que dá hoje seu nome ao país. É uma região que ainda conserva algumas *crateras vulcânicas*, a última das quais entrou em erupção em 1922.

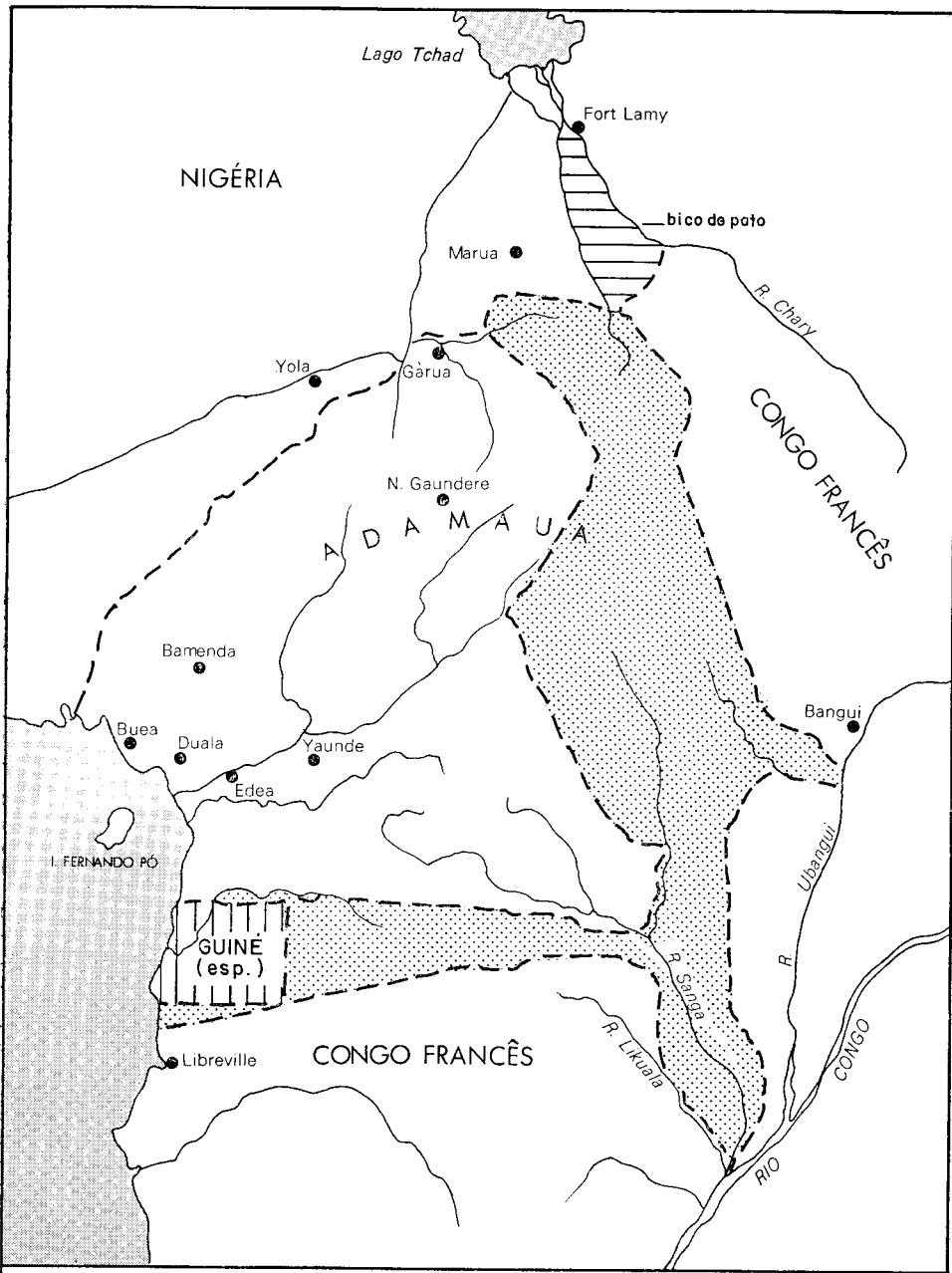
b) O *Camerum Central* é a região de planaltos com o *maciço vulcânico do Adamaua*, com suas formas cônicas; as altitudes não ultrapassam os 1.500 metros. O *alto-Sanaga* drena as águas desta região de marcasadas alternativas sasonárias.

c) O *Camerum Setentrional* se estende até a região do lago Tchad, entre o alto-Benué e as águas do Chari. Comporta planícies com resíduos de relevo desgastado em morros isolados, acabando em planícies aluvionais.



O *clima do Camerum* é tipicamente tropical e pouco favorável aos europeus; nunca a temperatura cai abaixo dos 22 graus centígrados, a não ser em altitudes como em Buliburg a mais de 1.300 metros, onde baixa a 7 graus centígrados. A variação diurna é pouco marcada; é de 2 graus centígrados em Yaundé e de 3 graus centígrados em Duala. A média anual da capital é de 22,2 graus centígrados e suas temperaturas extremas registram 32,3 e 13,2 graus centígrados; a cidade se acha a 750 metros de altitude. No alto do maciço do Camerum são registradas quedas anuais de chuvas de 10 metros; Duala recebe perto de 4 metros com máximas térmicas em julho e mínimas em janeiro. O país se encontra na zona da *moléstia do sono*.

Sob o ponto de vista *vegetal*, o país apresenta extensas áreas de *florestas primitivas* de árvores altíssimas cobertas de parasitas. No norte predominam as savanas; os pântanos são por vezes rodeados de uma vegetação de orquideas roxas de grande beleza. A mata inclui mognos, tecas, ébanos e plantas elásticas como a *Landulphia* e numerosos tipos de palmeiras; no norte encontram-se as acácias produtoras de gomas.

Quanto à *fauna*, é muito variada, contando desde os numerosos tipos de cobra até leões e leopardos; nas planícies, além dos antílopes e búfalos, encontram-se elefantes. Os avestruzes vivem principalmente na região do lago Tchad. No sul, na área do rio Sanaga, é comum e famosa a mosca tsé-tsé. O Camerum possui grande variedade de abelhas, que permitem a regular indústria do mel.



REPÚBLICA FEDERAL DO CAMERUM

- Segundo o Acordo de 1911
-  Parte Cedida a Alemanha
 -  Parte Cedida a França

2 — Populações

Por sua posição no continente africano, a região camerunense constituiu-se no *ponto de contacto de diversas populações*. Do norte vieram os árabes, do Tchad, que se tornaram sedentários, e os *peuls*, ainda pastores; na região criaram principados. Dispondo de cavalos, estes nortistas do Tchad submeteram algumas *populações negras* da planície e impeliram outras para as montanhas de Mandara ou para os planaltos de Adamaua.

Ao sul destas regiões, onde vai se tornando mais proveitosa a criação de gado, as áreas habitadas vão perdendo densidade. As populações do centro e do sul são de *negros bantus nativos*, divididos em vários grupos (bakokos, bakundas e fangs); são feiticeiros, polígamos, e foram canibais. Refugiados nas matas, existem numerosos pigmeus, mais ou menos sob a dependência dos bantus; são chamados babingas. Nas planícies costeiras torna-se mais densa a população, na vizinhança de Duala e região de Yaundé.

Com a sua população de cerca de 6 milhões, conta o Camerum com várias cidades de mais de 50 mil habitantes. A maior destas cidades é *Duala*, no litoral, com 210 mil pessoas, isto é, mais do que *Yaundé*, a capital do país com 130 mil habitantes. *Kumba* e *Kongshamba*, na região sul, contam com 50 mil habitantes. No norte é *Marua* o maior centro povoado, destacando-se também *Garua*, porto no rio Benué.

As principais tribos camerunianas possuem uma arte bastante homogênea que se repete em todos os objetos usuais, procurando expressão forte e violenta. Destacam-se as máscaras e as estátuas; os assentos ricamente ornados de figuras humanas ou animais, são particularmente apreciados.

3 — Situação Econômica

A variedade de condições naturais e étnicas corresponde no país a *diversidade de recursos*, particularmente em riquezas agrícolas. Nas áreas florestais encontram-se culturas de *tubérculos*, *mandioca* e *batata-doce*; nas planícies e nos planaltos do sul alastra-se a cultura do cacau e aparece também o *café* como atividades principalmente indígenas. Os europeus dedicam-se mais a *hêvea*. O Camerum central é a parte mais pobre, predominando aí a *pecuária*. Quanto ao norte, sob orientação administrativa, os indígenas cultivam o *algodão* e o *amendoim*. Em

1962, a criação contava com 2 milhões de bovinos, 1 milhão de carneiros e 200 mil suínos.

Os *recursos minerais* são ainda pouco explotados, embora o petróleo tenha sido encontrado na região de Duala.

Os rios do sul representam boas *fontes de energia*. A pequena cidade de *Edéa* possui uma central de energia com as águas do rio Sanaga, abastecendo *indústrias alimentícias e têxteis* da capital e de Duala, além de favorecer o *tratamento da bauxita*, importada da Guiné para a indústria do *alumínio*, que em 1964 já produzia 52.000 toneladas.

As *linhas férreas* instaladas pelos alemães ligam Duala a capital e Kongshamba. No centro as *estradas de rodagem* se concentram em Gaunder e de lá alcançam Garua, cujo porto no alto-Benué é ligado ao rio Niger durante uns poucos meses por ano. O norte da bacia do Tchad, embora rico, ainda se acha bastante isolado do resto da Federação.

O *Comércio* camerunense é ativo, principalmente com a França, da qual recebe 53% de suas importações e manda 38% de suas produções. Em segundo lugar o comércio com os Estados Unidos comporta 5% de importações e 14% de exportações. O comércio com a Inglaterra apresenta progressos.

4 — Histórico

Embora visitada por navegantes desde o século XV, a terra cameruniana só entrou em contacto seguido com o mundo ocidental no século XVII, quando comerciantes europeus foram admitidos a estabelecer *feitorias no litoral*. Nessa época, os dualas e outras tribos costeiras negociavam com tribos florestais do interior, obtendo por barganha, marfim, borracha e até mesmo escravos. Eram essas tribos dualas que lidavam com os estrangeiros, como intermediárias. Só mais tarde conseguiram os europeus se infiltrar pelo interior, fundando regulares estações de comércio; já haviam se tornado também ricos os "reis" ou "príncipes" que governavam as pequenas monarquias negras, acolhendo missionários e negociantes brancos, com os quais concluíram tratados. Prevalencia, então, nesse intercâmbio o elemento britânico.

A região do golfo de Biafra transformar-se-ia numa área de influência inglesa, quando o rei de Bimbia resolveu conceder vasta extensão de terras

para a *fundação de uma colônia britânica*. O governo de Londres, entretanto, não julgou acertado aproveitar imediatamente tão privilegiada concessão territorial. Apenas em 1845 fixou-se na região do estuário numa missão, na qual se destacou o missionário batista Saker, que já se tinha estabelecido em Fernando Pó, de onde havia sido expulso com seus irmãos de crença. Por gratidão, pelo acolhimento britânico, o pastor Saker deu ao sítio o nome de Victória.

Um episódio interessante da ocupação inglesa na década de 1880 foi a *tentativa de anexação política* que havia negociado o consul britânico com os chefes duais. Estes monarcas nativos propuzeram a anexação ao governo de Londres, mas a proposta política não foi atendida. Não passou despercebida essa atitude da Inglaterra na época em que conquistas e aquisições coloniais estavam na ordem do dia. As possíveis ocupações de territórios na África deviam ser rapidamente negociadas e firmadas por tratados em devida forma.

Os alemães, apesar da cisma inicial de Bismarck, contra o colonialismo, perceberam logo o erro inglês. O explorador *Gustav Nachtigal* tratou imediatamente de procurar o rei Bell para tratar da anexação em vista das disposições indígenas tão favoráveis. Uma missão francesa já estava ancorada no estuário, mas o sábio alemão conseguiu anteceder-lá, assinando no dia 15 de julho de 1884, a meia noite, um tratado que estabelecia a *Colônia Alemã do Camerum*. Só três dias depois da assinatura do tratado obtido por Nachtigal chegava a missão especial do consul britânico *Hewet* para assinar um tratado. Era tarde, mas o consul arranjou outros compromissos com principados africanos. O governo da rainha Vitória, porém, não só desistiu negociar com o rei Bell, como também reconheceu o tratado alemão que fazia do Camerum uma colônia teuta, até o lago Tchad, com o assentimento da França.

Durou cerca de 30 anos a fase de colonização alemã. Coincidiu com a última parte do século em que os europeus tentavam vários processos de assimilação dos indígenas à cultura ocidental. Colonizadores eram ingleses, franceses, italianos e alemães. Cada um destes tinha métodos diferentes de resolver os problemas sociais, políticos e econômicos do povo africano que veio a lhe pertencer. Daí os principais sistemas de colonização empregados pelos Estados Colonizadores na sua política imperialista. O *sistema britânico* era de *autonomia* concedida aos indígenas, reconhecimento do direito que lhe cabe

na aplicação de suas próprias instituições: por isso, processa-se com maior facilidade a conquista da sua independência. O *sistema francês* era de *assimilação*; visava tornar os indígenas cidadãos franceses de pleno direito; as colônias eram assimiladas a províncias. Este método encontrava dificuldades quando as leis e costumes indígenas não coincidiam com as instituições metropolitanas; daí resultaram frequentes crises. O *sistema alemão* de *sujeição* dava aos administradores um poder ditatorial; era tido como forma de tutela de um povo incapaz de conhecer seus verdadeiros interesses e necessidades. Era este princípio que nos séculos anteriores tinham sido aplicados pelas potências ibéricas, e que ainda em vésperas da Segunda Guerra Mundial, os holandeses vinham observando na Indonésia.

O progressivo alastramento da ocupação alemã do sul para o norte do Camerum não deixou de encontrar certa oposição. Foram frequentes os conflitos, e os jornais europeus não deixaram de denunciar atos de crueldade na repressão. As margens do lago Tchad eram alcançadas em 1902. A administração alemã se tornou mais branda ao tomar contato, no norte, com as sociedades mulçumanas, às quais foram concedidas certa autonomia. Os conflitos mais graves com os indígenas negros levaram o governo de Berlim a demitir o governador Von Puttkamer (1906) e adotar métodos mais suaves.

A colonização alemã na África tinha começado tarde, quando a Inglaterra e a França já haviam ocupado todos os trechos costeiros mais atraentes e daí penetrado para o interior. Este método simplista, mas tradicional de adquirir territórios, foi uma das razões que dotaram os colonizadores de áreas etnicamente muito diferentes; verifica-se isto no Camerum. A população indígena passando a ser de importância secundária, a extensão territorial se tornava de maior interesse.

Os alemães trataram assim de melhorar a posição do Camerum no continente, entre a rica e povoada Nigéria e os Congos Belga e Francês. O ponto estratégico a alcançar era, no princípio do século passado, uma saída para o Atlântico através do rio Congo e outra pelo seu afluente Ubangui. Na primeira década deste século a França prosseguia, com a cumplicidade da Inglaterra, da Espanha e da Rússia, o seu protetorado sobre o Marrocos, que lhe tinha sido reconhecido em 1906 através do Ato Internacional de Algeciras. Descontente, o governo de Berlim prepa-

rava nova crise diplomática e, para mostrar sua desaprovação, enviou a Agadir sua nave de guerra, a Panther (1911). Tinha chegado a hora de um acordo para evitar o conflito: a Alemanha reivindicava o Congo Francês em troca do reconhecimento da possessão francesa no Marrocos. Por fim, chegou-se ao Acordo Franco-Alemão de 1911, que cedia a Alemanha um acesso ao Atlântico por meio de duas faixas com pontos na margem do rio Congo e do rio Ubangui. Como compensação, na região do Tchad, a Alemanha cedia um pequeno território à França, que foi chamado "bico de pato".

A Primeira Guerra Mundial encontrava assim um novo território cameruniano aumentado, para servir de novas partilhas territoriais. Corpos Expedicionários chegaram logo a Duala: Forças inglesas da Nigéria, forças belgas do Congo e forças francesas se encontraram em Yaundé, retirando-se as tropas alemãs para território neutro da Guiné Espanhola. No final da guerra o Camerum ficava dividido em duas partes: a francesa e a inglesa; partilha sumária, que o Tratado de Versalhes reconheceu. Por sua vez, a sociedade das Nações aprovava também a partilha. Durante a Segunda Guerra Mundial, o regime de Mandato foi abolido, e substituído pelo de Tutela; era um sistema de controle administrativo que o governo de Paris julgou não ser mais necessário para conservar à França a sua posição privilegiada na economia da colônia. Por isso, em 1959 foi proposta as Nações Unidas a concessão de independência, que se realizou a 1.º de janeiro de 1960. Foi também proposta a integração no Camerum da parte ocidental, ocupada pelos ingleses. Por meio de plebiscitos, o Camerum Britânico foi, na sua parte sul, reintegrado na nova República e na sua parte norte integrado à Nigéria.

5 — A Independência

Com a independência proclamada em 1960, acabavam as dificuldades que haviam colocado as autoridades francesas em conflitos com o partido político chamado *União das Populações do Camerum* (UPC). Este grupo político havia sido fundado em 1948 por *Um-Niobé*, e causado muitas perturbações em Duala; em 1955 era abolido este partido que havia lutado contra o chamado *neo-colonialismo*. Proclamada a independência, reapareceu o UPC, e nas primeiras eleições destacou-se, levando seu líder *Ahmadu Alidjo* à frente do novo governo federal do qual foi

reeleito presidente em 1965. Coube a Vice-presidência a John Fonchá, líder do *Kamerum National Democratic Party*.

Sob o ponto de vista político, a fusão dos dois principais partidos se processou para a formação da *República Federal do Camerum*. A capital do Camerum Ocidental foi fixada na cidade de Buea, enquanto a parte oriental continuou com Yaundé.

Na sua vida política interior o Camerum não conseguiu ainda uma certa estabilidade, em razão das agitações étnicas, principalmente, onde se destacam as tribos bamilekes. Quando à vida política exterior, a República Federal mantém boas relações com as Grandes Potências, mas é com a França que são mais numerosos e cordiais os contatos comerciais; tem acordos de cooperação com vários países, incluindo o Brasil, com quem assinou um acordo comercial a 5 de junho de 1965.

A Constituição da República Federal data de 1961, determinando a eleição de um Presidente e Vice-presidente para um mandato de 5 anos; uma Assembléia composta por 40 representantes do Camerum Oriental e 60 do Camerum Ocidental, eleitos pelo sufrágio universal.

Um Professor de Geografia inglês, John Clarcke, que já foi duas vezes contratado para lecionar na Universidade de Yaundé, escreveu o seguinte a respeito dos problemas que vem enfrentando o país: "O Camerum fez muito para resolver dois problemas criados depois de sua independência; são eles a integração do oeste com o leste e a restauração da ordem na região dos bamilekes. Conseguiu-se realizar com certa harmonia o desenvolvimento de planos com quatro Estados da União Aduaneira Equatorial, isto é, com o Tchad, a África Central, o Congo de Brazzaville e o Gabão. Outros problemas difíceis são as disparidades entre o norte e o sul, entre a cidade e o campo e entre membros do setor moderno e o setor tradicional da economia. O Camerum não é o único país a enfrentar esta desarmonia, nem deixa de estar na dependência marcada de mercados estrangeiros no que diz respeito a auxílios e investimentos. Entretanto poderia haver só pouco desenvolvimento sem as contribuições estrangeiras, especialmente da França, cuja inversão anual no Camerum é calculada em 50 milhões de dólares. O problema real é como passar a grande brecha que existe entre o antigo e o moderno sem afetar a independência" (*Focus-Vol.XVI* n.º 7).

(outubro de 1973)

A República de Honduras

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBGE

1 — Aspectos Geo-Econômicos

Com uma área de 112.200 km², (menor que nosso Amapá — 140.276 km²) Honduras é o maior país da parte istmíca da América Central, depois da Nicarágua. Limita-se ao norte com o mar do Caribe, a leste com a Nicarágua, a oeste com a Guatemala, ao sul com o Oceano Pacífico e El Salvador.

O amplo golfo de Fonseca, que reparte suas costas também com a Nicarágua e El Salvador, dá a Honduras *uma saída estratégica para o Pacífico*. Nesse litoral hondurenho, que mede apenas 80 km, Amapala na ilha de Tigre, constitui-se no principal porto do país.

De contorno bastante irregular, seu maior litoral, com 650 km, encontra-se no *mar do Caribe*; seguindo linha sinuosa e baixa, localizam-se aí inúmeras lagoas. A maior de todas é a de *Caratasca*, na chamada Costa dos Mosquitos, medindo 58 km de comprimento por 20 km de largura. Pouco profunda, essa lagoa possui no seu interior várias ilhas, dentre as quais a de Tansig é a maior.

No norte desse litoral, *as ilhas da Baía*, dentre as quais se destaca a de *Roatán*, são consideradas como *ponto de grande importância geo-estratégica* no amplo golfo de Honduras, como sentinela avançada do país, no Caribe.

O interior do território hondurenho se constitui num *centro dispersor de águas de suas duas vertentes*.

Para o *golfo de Fonseca corre*, como rio principal, o *Choluteca* (350 km), banhando terrenos aluvionais ocupados por frondosos bosques. Pertencem à mesma vertente o *Gascorán*, *Nacaome* e *Negro* que, à semelhança do Choluteca, carregam grande quantidade de *aluvião*, que depositada na costa formam bancos, penínsulas e arrecifes, neste delta pantanoso do golfo de Fonseca.

Para o *mar do Caribe* correm os maiores e mais importantes rios do país, superando, não só em curso mas também em caudal, os da vertente do Pacífico. Contribui para esse fato a *maior abundância de chuvas* na vertente do Caribe, onde a região de Tela acusa 2.700 mm. anuais.

O *rio Segóvia ou Cocos*, banhando zona pouco povoada do país, tem 600 km de curso, quase todo servindo de fronteira com a Nicarágua. O *rio Patuca* (525 km) é navegável até Portal del Infierno, onde se precipita da montanha Flor, por entre rochas escarpadas; a partir daí, até a cidade de Juticalpa, que domina importante planície agrícola, só permite o movimento de pequenas embarcações, regionalmente chamadas pitpanes.

O *rio Aguán ou Romano* e o *Sico*, também navegáveis em grande parte de seus trechos, já começam a marcar os limites mais povoados do país. Suas bacias são, porém, bem menos insignificantes, se comparadas com a do *Ulúa*, o mais largo rio do país, com 340 km de curso e 200 km navegáveis; essa bacia engloba a parte mais povoada de Honduras, de norte a sul entre a Guatemala e El Salvador.

A depressão do Ulúa, comunicando-se com a dos rios que correm para o golfo de Fonseca, tem a importância de *enlaçar no território hondurenho* as duas costas do país. Assim, antes de utilizar a passagem insalubre do Panamá, os espanhóis valiam-se dessa depressão, onde Alonso Cáceres fundou, em 1540, *equidistante dos dois mares*, a cidade de Valladolid, atual *Comayagua*, que foi durante muito tempo capital administrativa da região. Hoje, perdida sua prerrogativa política, Comayagua comanda toda a atividade econômica regional *desse vale fértil, produtor de açúcar e café*.

Destaca-se ainda na bacia do Ulúa *Puerto Cortez*, o mais movimentado do país, no Caribe. Segue-lhe, mais para o interior, *San Pedro de Sula*, como centro industrial e mercantil. *El Progreso* se destaca por se localizar em ponto estratégico do circuito navegável do Ulúa; *Santa Bárbara*, como centro madeireiro, rodeada por colinas cobertas por pinheiros; e *Santa Rosa de Copán*, como centro comercial no interior do país.

Ainda no Caribe, porém afastados da bacia do Ulúa, os portos de *Tela* e *La Ceiba*, se mantêm como exportadores da riqueza agrícola de Honduras e em especial da *banana*.

Honduras é o *país mais montanhoso da América Central*, constituindo-se em suas 3/4 partes numa alti-

planície com 600 metros de altitude média, sulcada por várias cordilheiras.

Na *zona ocidental* as cordilheiras são mais definidas, estendendo-se de sudoeste para noroeste com altitudes de 3.000 metros, em cuja direção seguem no mar as ilhas da Baía. A partir do lago interior de *Yojoa*, com 40 km de norte para sul, por 12 km de largura, a *zona oriental* forma em seu centro verdadeiro labirinto de cordilheiras e vales, cujas altitudes vão diminuindo de norte para sul. Essa série de cordilheiras, *pertencentes ao sistema Andino*, deixam entre si amplos vales, dentre os quais o mais importante se situa entre os rios Patuca e Segóvia.

Diferindo das demais repúblicas da América Central, *não existem em Honduras vulcões ativos*. O vulcanismo só é registrado em suas ilhas do Pacífico, entre os quais o *Grán Tigre* (800 metros) e o *Sacate* (600 metros).

As terras aráveis hondurenhas abrangem 7% do território, enquanto os bosques cobrem 26%, e os prados totalizam 30%; no entanto, o país é *mais agrícola do que pecuarista*.

Levando-se em conta os climas diferentes, que variam com a altitude, podemos localizar as atividades agrícolas de Honduras: das terras frias, temperadas e quentes. O *milho e arroz* que se constituem na base alimentar da população local, não chegam a satisfazer, juntamente com o açúcar, as necessidades do mercado interno. Nestas condições, só a banana proporciona o grosso da produção nacional; cultivada preferentemente na costa do Caribe, numa faixa de 50 km de largura, *representa a banana 50% das exportações totais*.

Além dessa faixa, alternam-se os bosques e pastos do país. Os *bosques* são ricos em *cedro, pinheiro e pau-rosa*, servindo essas madeiras também para as exportações. Nas *zonas de criação*, onde abundam, principalmente na zona central, os pastos naturais com a erva “jaraguá”, o rebanho se destina ao consumo e indústrias locais.

O *subsolo hondurenho* é considerado como o mais rico da América Central; no entanto, essa riqueza mineral, por falta de equipamentos para a exploração, é ainda considerada improdutiva. Só o *ouro e a prata* explorados nas imediações de Tegucigalpa, desde tempos coloniais, figuram nas listas de exportação; sabendo-se porém da existência de jazidas de *chumbo, zinco, antimônio*, bem como de *cobre e ferro*, nas imediações de Yoro.

A *indústria* é insuficiente, limitando-se à fabricação de objetos para uso local; só se registrando no setor a exportação de cigarrilhas e os cha-

mados chapéus-panamá. Tal insuficiência provoca o desajuste na balança comercial do país, que se caracteriza como exportador por excelência de bananas e madeiras, e importador de produtos manufaturados. A falta de hidrelétricas é também fator negativo no desenvolvimento econômico; a *energia gerada*, quase que totalmente por termoeletricas, atinge apenas 120 milhões de kW anuais.

Levando-se em conta as atividades econômicas, a *população hondurenha é mais rural do que urbana*. Com 17 hab/km², sua densidade demográfica é oito vezes menor que a de seu vizinho El Salvador.

Nessa população predomina o mestiço com 45%, seguido pelo elemento indígena com 40%, além dos 5% de negros pescadores, ou empregados no cultivo da banana. É pequena, pois, a percentagem de população branca, num contraste marcante entre Honduras e Costa Rica, sua quase vizinha na América Central.

Além da *deficiente estrutura ocupacional*, contribui para o pequeno desenvolvimento do país, a *falta de comunicações*. As *ferrovias* (1.300 km) pertencem as companhias estrangeiras, dedicando-se quase exclusivamente ao transporte das bananas; a de maior extensão, é a “Trujillo Railroad Company” (368 km), ligando Trujillo no litoral a Juticalpa, no vale interior do Patuca.

Tegucigalpa, embora sendo capital, não sendo ligada a nenhuma das cidades do país por ferrovia, encontra-se isolada economicamente. Liga-se apenas por rodovia de 121 km a *Rodovia Pan-Americana*, que corta o território hondurenho na área do golfo de Fonseca, de *Goascorán*, na fronteira com El Salvador, até *San Marcos* na fronteira com a Nicarágua, num percurso de 243 km. Assim, dos 3.400 km de rodovias hondurenhas, só a sétima parte, isto é, 500 km estão pavimentadas.

Seu terreno montanhoso influi na atual condição dos transportes e comunicações; deste modo, as comunicações aéreas têm muita importância no país, valendo a cerca de 40 localidades para que se comuniquem entre si e também com o exterior.

2 — Aspectos Geo-políticos

Por sua *posição geo-estratégica*, Honduras pode ser definida, na região do Caribe, como o termômetro que define o clima político desde o sul do México ao Panamá. Isto porque, em virtude de sua geografia, com sua linha de relevo orientada para uma divisão

HONDURAS
BRITANICO

GUATEMALA

EL SALVADOR

ILHAS DA BAHIA
Roatan
GUANAJÁ

Cabo de Honduras

Cabo Camarón
L. Ebano

L. Caratasca
Laguna Caratasca

Cabo Gracias a Dios

R. Uluá

R. Sico

R. Patuca

R. Patuca

R. Patuca

MAR DO CARIBE

TERRITÓRIO DE MOSQUITOS

NICARAGUA

E.E.U.U.

REGIÃO DO CARIBE

HONDURAS

CUBA

BAHAMAS

JAMAICA

REPÚBLICA DOMINICANA

HAITI

PANAMA

CANAL DO PANAMA

VENEZUELA

COLÔMBIA

San Estebán

Catacamas

Juticalpa

Dahir

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

Trujillo

Olancho

Yoro

La Unión

Juticalpa

Dahir

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

San Marcos

Tela

El Progreso

Stia Bárbara

Stia Rosa de Copan

Corquin

Erandique

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

P. Cortez

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

San Pedro Sula

Montecarlo

Chamelacon

Tegucigalpa

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Comayagua

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Segovia

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

Cardinal

do país em zona oriental e ocidental, excetuando-se a depressão média do Ulua, é pouco favorável às condições para uma integração e, por conseguinte, para a formação de um estado coeso.

A Geografia contribui e contribuiu para que Honduras esteja sempre submetida a influências externas.

Antes da conquista espanhola, a influência maia chegava até a zona ocidental de Honduras, mas não atingia a oriental. Na zona ocidental, quase no limite com a Guatemala, em meio a densa floresta tropical, encontram-se os vestígios de antiquíssima povoação maia. Nessa região, Copán, foi considerada pelos arqueólogos como a "Alexandria do Mundo Maia", pois em suas ruínas pode ser constatado o elevado grau de conhecimentos científicos desse povo. Foi portanto o centro da civilização de um povo que nunca foi coeso, e que mesmo depois de formar seu novo império na península do Yucatán, dividindo-se em cidades-estado rivais, seria considerado como os "gregos da América".

Na quarta viagem feita por Colombo a América, sua expedição tocava apenas no território ocidental de Honduras (1502). Assim, o território ocidental seria conquistado por Hernán Cortez, apenas em sua zona de mais fácil penetração, constituída pelo vale do Ulua (1522), ficando abandonada a parte oriental. No local do desembarque de Colombo, fundaria Cortez o porto de Trujillo, que teve sua Audiência, e pôde se transformar em centro comercial de grande movimento.

Pouco depois transferia-se o eixo político para região mais ocidental; em 1539 a Audiência de Trujillo era transferida para a cidade de Guatemala, com a formação da Capitania Geral da Guatemala. Como simples província dessa Capitania, Honduras passava a ter como capital a cidade de Comayagua, em pleno coração da depressão formada pela bacia do Ulua, deixando isolada a parte oriental hondurenha.

Em seguida a descoberta de ricas jazidas de prata mais para o interior, deslocaria ainda também para a Honduras Ocidental grande contingente populacional; era a vez de Tegucigalpa, que na língua indígena significa "outeiro de prata". Ainda abandonada a zona oriental de Honduras, Tegucigalpa passava a ser o centro de intensa exploração não só de prata, mas também de ouro e mármore, por parte dos colonizadores espanhóis.

Em 1821 Tegucigalpa foi elevada à condição de cidade, no momento em que o istmo da América Central, com

exceção do Panamá, se tornava independente da Espanha, co-participando do Império Mexicano de Iturbide. Cerca de três anos apenas duraria essa união, quando as regiões do istmo, revoltadas com o poder central mexicano, desligaram-se para formar a Federação Centro-Americana. No entanto, as guerras civis levaram esse pacto federal a uma ruptura em 1833, surgindo, assim, em 1844 cinco repúblicas na América Central, entre as quais a de Honduras.

Surgida a República de Honduras, Tegucigalpa, situada a 900 metros sobre o nível do mar, nas margens do rio Choluteca do Grande, passou a dividir com Comayagua o poder administrativo até 1880, quando, por decreto governamental, transformou-se na sede única do país.

Mesmo independente, Honduras, por sua posição geo-estratégica, continuou a ter lugar de destaque no quadro geopolítico do Caribe. Especialmente a parte oriental do país, bem mais despovoada e alijada da vida nacional, constituindo-se numa zona geopolítica neutra, com caráter de fronteira crítica. Por isso, a fronteira entre Honduras e Nicarágua foi objeto de litígio durante muitos anos, resolvido pelo laudo arbitral de Afonso XIII, rei da Espanha, a 23 de dezembro de 1906, através da linha divisória do rio Segóvia. A zona geopolítica neutra, que quase não tomara parte na formação nacional de Honduras, afastada do núcleo geo-histórico do país que se situara sempre no vale do Ulua, era assim reivindicada pela Nicarágua; englobava essa fronteira crítica o Território de Mosquitos, assim chamado por ser habitado por tribo indígena com o mesmo nome, até o acidente litorâneo formado pelo cabo Camarón; terminava no interior, na Cordilheira de Jalapa, onde nasce o rio Patuca.

Conseguida essa região, Honduras ficava praticamente dividida em duas áreas que se caracterizam ainda hoje: uma integrada, e outra por integrar; são as duas Honduras: a ocidental e a oriental.

Localizada entre a Guatemala, El Salvador e Nicarágua, como país que apresenta pouco desenvolvimento, recebe a República de Honduras as vibrações e os efeitos dos movimentos políticos desses seus vizinhos.

Centro de dispersão de montanhas, com sua zona ocidental integrada ao sistema das Rochosas e a oriental interligada ao grupo Andino, quer pelo povoamento, quer pelo seu ecumêno estatal, são nítidas as duas Honduras, com suas diferenças regionais acentuadas.

A República de Honduras tem tido sua *vida marcada por instabilidades políticas*. Durante a Guerra Civil de 1912 desembarcaram no país fuzileiros estadunidenses para a defesa dos Estados Unidos na área. Outras intervenções foram levadas a efeito em 1919 e 1924 respectivamente. Até ser deposto o governo comunista de Arbenz Gusmán na Guatemala (1954), Honduras teve dificuldades com esta sua vizinha. Com a entrada de Cuba para a órbita soviética (1960), a *infiltração comunista e atividades guerrilheiras* passaram a se constituir em mais um, dentre os já inúmeros problemas da República de Honduras. Finalmente, divergindo de seu vizinho El Salvador, *retirou-se Honduras em 1970 do Mercado Comum Centro-Americano*, organismo econômico que procurava unir os países da região, que por circunstâncias históricas e políticas vêm tomando rumos distintos na atualidade.

(outubro de 1973)

QUADROS ESTATÍSTICOS: HONDURAS E SEUS VIZINHOS

1 — Superfície, População Total, Distribuição Rural e Urbana (1970)

PAÍS	Superfície (mil km ²)	População (em milhões)	Distribuição da População	
			Rural %	Urbana %
El Salvador	20,9	3,39	61,2	38,8
Guatemala...	108,9	5,01	69,2	30,8
Honduras...	112,2	2,50	67,8	32,2
Nicarágua...	139,0	1,92	60,3	39,7

Fonte: Fundo Monetário Internacional — Revista de Finanças e Desenvolvimento n.º 1 — 1972.

2 — Importações por Países 1966/1970 (em mil dólares)

PAÍSES IMPOR-TADORES	1966	1970	Taxa de Crescimento Anual 66/70 %
El Salvador..	220.004,1	213.580,9	0,75
Guatemala...	207.579,8	284.283,6	8,2
Honduras....	149.050,5	220.667,8	10,3
Nicarágua....	181.921,7	198.747,5	2,2

Fonte: OEA (CIPE)

3 — Exportações por Países 1966/70 (em mil dólares)

PAÍSES EXPOR-TADORES	1966	1970	Taxa de Crescimento Anual 66/70 %
El Salvador..	188.926,4	228.316,8	4,8
Guatemala...	226.120,0	290.181,6	6,4
Honduras....	144.131,4	169.737,5	4,2
Nicarágua....	142.206,7	178.623,3	5,9

Fonte: OEA (CIPE)

As Antilhas dos Estados Unidos

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBGE

1 — Aspectos Geo-Econômicos

O arco de ilhas que se estende de Cuba até Trinidad-Tobago, subdivide-se em *Grandes e Pequenas Antilhas*. Os Estados Unidos estão presentes nos dois grupos, pois lhes pertencem: *Porto Rico*, nas Grandes Antilhas e as *Ilhas Virgens* nas Pequenas Antilhas. *

A menor e a mais oriental das Grandes Antilhas, Porto Rico se encontra a leste da Ilha de S. Domingos, separada pelo *Canal de Mona*, onde se encontra a ilha do mesmo nome, com 40 km² de área, rica em guano, e que também pertence aos Estados Unidos.

Porto Rico tem 175 km de comprimento por apenas 60 km de largura. Sua superfície total, incluindo as pequenas ilhas que lhe são adjacentes, é de 8.896 km², sendo pouco maior que o nosso Distrito Federal-Brasília (5.814 km²).

De configuração horizontal, tem a forma de um retângulo. Suas costas irregulares, com saliências e inflexões, lhe porpocionam *bons portos*, entre os quais o de *San Juan* que exerce também a função de capital, *Mayaguez*, *Puerto Real* e *Playa* ao sul de Ponce. Esse *litoral*, que se desenvolve por cerca de 583 km apresenta acantilados rochosos, extensas praias cobertas de areias e manguesais. A pouca distância da costa, as águas são bastante profundas e, diante da costa norte, abre-se profundo abismo denominado *fossa de Porto Rico* com 8.742 metros de profundidade.

Ilha montanhosa, as cadeias se alinham no sentido longitudinal, de oeste para leste; enquanto seus pontos mais altos se encontram nos picos *Sila de Gillarte* (1.197 metros), *Jayuya*

* Vide *Atlas de Relações Internacionais* n.º 8 — "O Mundo Antilhanho".

(1.340 metros) e *Yunque* (1.065 metros).

Alternando-se com a zona serrana, *inúmeros vales* dão à ilha a mais rica rede fluvial do arquipélago antilhanho, com cerca de 110 rios. Pertencem a *vertente norte* os mais importantes cursos d'água, pois além de mais extensos são navegáveis em vasto trecho, em virtude de correr por região de chuvas copiosas e freqüentes (cerca de 1.500 mm. anuais). Entre as principais bacias porto-riquenhas destacam-se: a do *Grande Loiza*, *Bamayon*, *La Plata*, *Monati*, *Arecibo* e *Guajataca*.

Em função da maior *distribuição das chuvas*, estão no norte da ilha os principais *bosques* (13,3%) do território, com variadas espécies tintórias e resinosas. No sul as chuvas já são menos abundantes, e em certas zonas tão escassas que dão lugar ao aparecimento da *vegetação xerófila*.

Em geral, o clima é quente e úmido; mesmo nas zonas mais altas, onde se situam as cidades de *Maricáo*, *Lares*, *Utuaado*, *Adjunta* e *Cayey*, nunca se registraram nevadas, embora os ventos chamados "nortes", mais freqüentes no mês de outubro, causem baixas termométricas.

Integrando as Antilhas, Porto Rico sofre a ação dos *furacões*, muitos dos quais desastrosos, entre os meses de agosto e setembro.

As *terras cultiváveis* ocupam 32,9% do território. A principal cultura é a da *cana-de-açúcar* que constitui a base da *fabricação do rum*; além do *café* e *tabaco*, são grandes as plantações de *ananás*, *laranja*, *limão* e *tangerinas*. Bastante férteis, os prados e pradarias abrangem 35% do território; Porto Rico ocupa o 4.º lugar na região antilhana na criação de gado, em especial *vacum* e *porcino*.

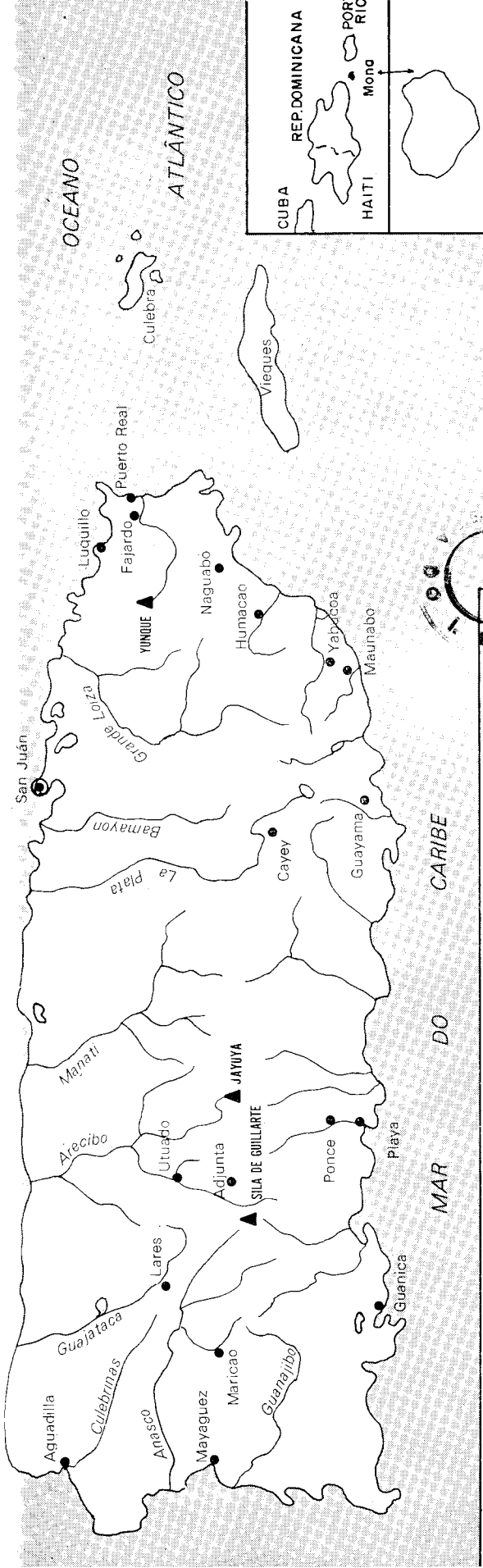
O subsolo da ilha é pobre; a mineração é quase inexistente, a não ser nas *jazidas de ferro e manganês*, mesmo assim de pequena produção.

As principais *indústrias* estão ligadas à fabricação do rum, cigarros, cimento e a refinaria de petróleo localizada em Ponce.

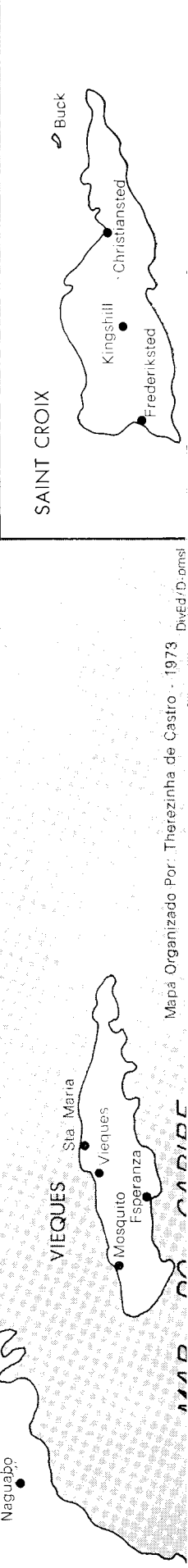
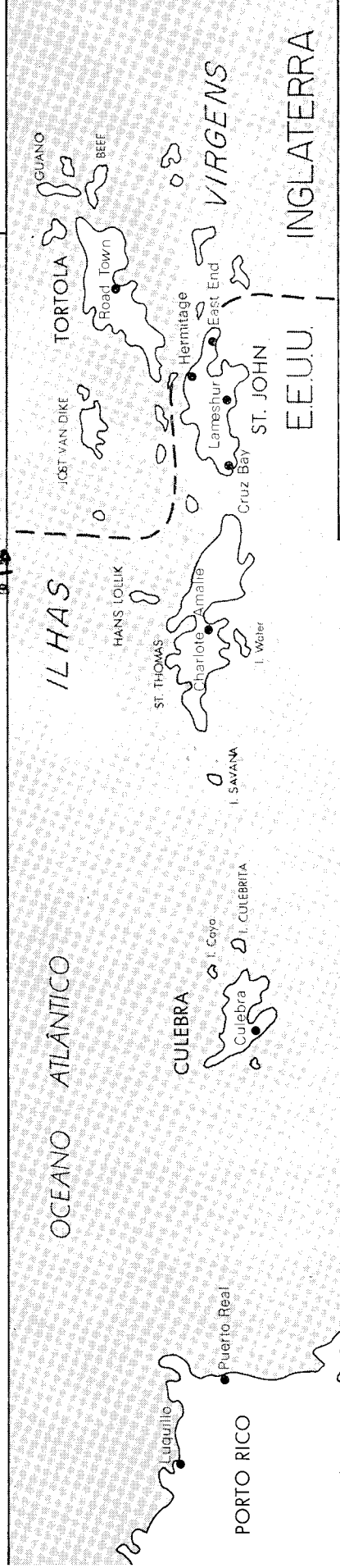
O *comércio exterior*, de volume reduzido, é absorvido em 91% pelos Estados Unidos.

As Ilhas Virgens, situadas a leste de Porto Rico, apoiadas num banco submarino, com profundidades que nunca excedem 200 metros, subdividem-se em dois grupos.

Fazem parte do 1.º grupo as *ilhas de Culebra e Vieques*. Culebra com 28 km² é utilizada pelos Estados Unidos para fins exclusivamente militares.



ESTADO LIVRE ASSOCIADO DE PÔRTO RICO



Enquanto Vieques, com 43 km², distando 15 km de Porto Rico, vive da agropecuária.

O 2.º grupo, que até 1931 dependeu da Secretaria de Marinha dos Estados Unidos, é formado pelas ilhas de *St. Thomas, St. John e Saint Croix*, pois a de Tortola e adjacentes pertencem à Inglaterra, englobadas no grupo Sotavento.

St. Thomas, com 83 km², com capital na cidade de Charlotte Amalie, tem sua vida econômica girando em torno de suas jazidas de carvão e petróleo; possuindo também estaleiros navais. Seu produto industrial característico é o "*bay-rum*" ou rum de malagueta, preparado com o rum e folhas de pimenta malagueta. A malagueta é o principal produto agrícola da ilha vizinha de St. John com 49 km², onde se encontram os melhores portos da área que são *Cruz Bay, Lameshur East End e Hermitage*. E, finalmente, Saint Croix com 212 km², que se constitui na sentinela avançada do grupo estadunidense; economicamente vive da plantação da *cana-de-açúcar* que serve para produzir rum de alta qualidade.

A maioria dos habitantes das ilhas Virgens são negros (69,9%), que, contrastando com a maioria branca de Porto Rico, falam o inglês; em Porto Rico, embora o idioma inglês seja o oficial, 90% falam o espanhol.

2 — Aspectos Históricos e Políticos

Descoberta juntamente com as ilhas Virgens, por Colombo em 1493, Porto Rico foi colonizada por Ponce de León a partir de 1508. Esteve incorporada ao Império Colonial Espanhol até 1898, quando, pelo Tratado de Paris, foi cedida aos Estados Unidos. Por sua vez, as Ilhas Virgens pertenceram à Dinamarca até 1917, quando foram compradas pelos Estados Unidos, pela quantia de 25.000.000 dólares.

Com seus naturais considerados cidadãos estadunidenses, o *Estado Livre Associado de Porto Rico*, ou *Commonwealth of Puerto Rico*, possui seu Parlamento próprio, sendo representado no Congresso dos Estados Unidos por um Comissário que não tem direito a voto.

Do ponto de vista cultural, os porto-riquenhos formam uma nação hispânica e só a alta classe da ilha é bilingüe.

A peculiar relação entre Porto Rico e Estados Unidos, na categoria de Estado Livre Associado, é fruto do líder porto-riquenho *Luis Muñoz Marin*, fundador e chefe do *Partido Popular Democrático*, que governou a ilha durante 28 anos, até 1969.

Seus adversários políticos do *Partido Novo Progressista*, chefiados por *Luis Ferré*, vencedor das eleições em 1969, desejam converter Porto Rico num Estado da União, à semelhança do que já foi feito com o Alaska e Havai. O plebiscito realizado em 1967, para consultar o povo porto-riquenho, se desejava ou não a união como Estado, se pronunciou pela manutenção do *status quo*, isto é, a livre associação. Assim, *Luis Ferré* luta pela realização de um novo plebiscito, lembrando que a livre associação é um estatuto provisório.

Bem mais fraco, com apenas 4% do eleitorado, o *Movimento Pró-Independência* tem por meta a separação total de Porto Rico dos Estados Unidos.

3 — Situação Atual

O desenvolvimento de Porto Rico, resulta, sem dúvida alguma, de sua peculiar ligação política com os Estados Unidos: mercado de quase todas as suas exportações, e regulador de seus créditos e finanças. A dependência econômica da ilha é grande, pois os Estados Unidos gastam nela mais de 130 milhões de dólares só em burocracia, sem contar com as despesas que realizam com a construção de rodovias, hospitais, escolas, etc.

Uma vez transformado em Estado da União, continuaria Porto Rico recebendo a maioria dos benefícios que recebe, mas por outro lado, perderia as isenções de impostos de que goza atualmente.

Os laços de ligação de que goza Porto Rico com os Estados Unidos, levam numerosas empresas estadunidenses a se estabelecerem na ilha; são estabelecimentos industriais que se classificam desde os mais modestos até os de grande envergadura, como a "Union Carbide" e a "Commonwealth Oil", pagando os salários mais altos, dando emprego a mais de 100 mil pessoas, e produzindo bens de exportação orçado em cerca de 1 bilhão de dólares.

Assim, em termos estatísticos, embora Porto Rico seja menos desenvolvido que o Mississippi, o de menor desenvolvimento dentro da União, está

muito acima que qualquer país sub-desenvolvido da área. Isto porque, se a indústria porto-riquenha se encontra em franca expansão, o mesmo não se pode dizer da agricultura, ainda muito ligada ao sistema tradicional; necessita ainda Porto Rico de uma agricultura mecanizada e altamente especializada.

Dentro do quadro descrito, se o fenômeno independência constituiu-se ainda em fato longínquo, o problema atual de Porto Rico é o de transformar-se no 51.º Estado dos Estados Unidos, ou permanecer ligado a ele na categoria de Estado Livre Associado.

(Outubro de 1973)

A República de Costa Rica

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBGE

1 — Aspectos Geo-Econômicos

Banhada pelo Pacífico e mar do Caribe, a *Costa Rica* limita-se com a Nicarágua e o Panamá, formando um paralelogramo inclinado de noroeste para sudoeste, numa longitude de 330 km, numa largura de 170 km; sua superfície é de 50.900 km², sendo pouco menor que o nosso Estado do Rio Grande do Norte (53 015 km²). Seu litoral no Pacífico é bastante recortado, desenvolvendo 800 km desde a baía Salinas até o profundo golfo Dulce; entre a ampla baía de Coronado, duas penínsulas apontam para o sul: a de Nicoya, em cuja ponta se encontra o cabo Blanco e a de Osa que termina no cabo Matapalo. O litoral antilhano de Costa Rica é quase que retilíneo, baixo e arenoso.

O território costa-riquenho é cortado por uma ramificação andina, de montanhas que se orientam do noroeste para sudeste, tomando nomes locais. A *Cordilheira de Guanacaste*, bastante trabalhada pela erosão, apresenta vários vulcões extintos entre os quais o *Orosí* (1.571 metros) e o *Miravalles* (1.730 metros). A *Cordilheira de Talamanca* é bem mais elevada, situando-se nela os picos *Blanco* (3.849 metros) e *Chirripó* (3.800 metros).

Entre as duas cordilheiras, estende-se o vasto *Planalto Central* com altitudes médias variando dos 1.000 aos 1.800 metros, cercado pelos cumes da *Cordilheira Central*, onde se destacam os vulcões ainda ativos do *Irazu* (3.452 metros) e *Turrialba* (3.328 metros). Do *Irazu*, cuja atividade se limita a expelir nuvens e vapores, podemos dividir a 56 km as águas do Caribe e a 96 km as do Pacífico; em dias muito claros vê-se ao longe o lago Nicarágua.

O país não possui grandes rios. O *Tárcoles* (100 km) é o maior na vertente do Pacífico; o *Matina*, que corre

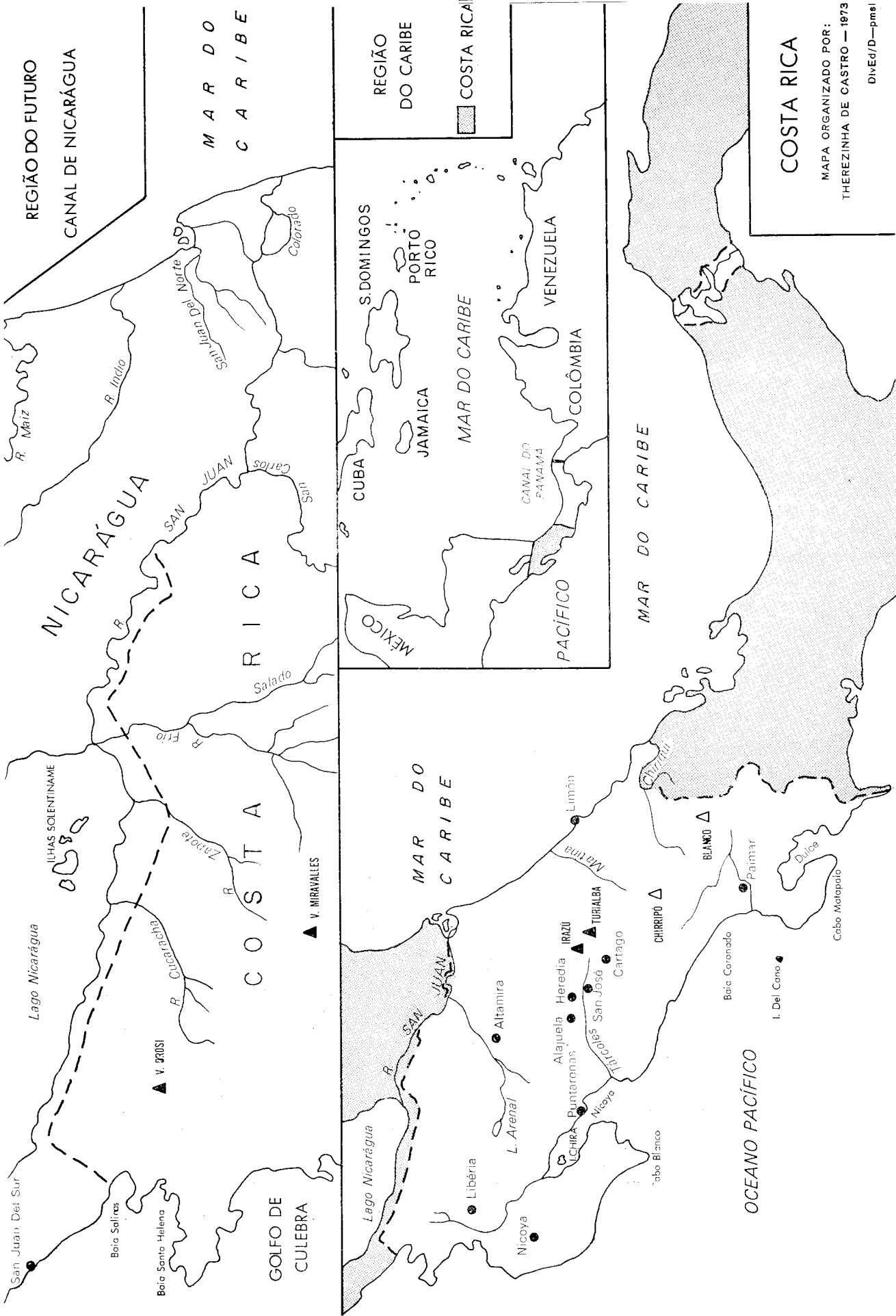
para o mar do Caribe, à semelhança do Nilo, inunda todos os anos, durante algumas semanas, o vale que percorre. Além do *Chiriquí* na fronteira com o Panamá, a Costa Rica comparte com a Nicarágua o rio *San Juan*, um dos mais caudalosos da América Central, que serve como desaguadouro para o lago de Nicarágua. Pertencem a essa bacia os rios *Cucaracha*, *Zapote*, o *Frio* com seu afluente *Salado*, o *San Carlos* e o *Colorado*. Nesta região, tendo em vista o Canal do Panamá estar se tornando obsoleto para navios de grande calado, pretendem os Estados Unidos construir outra grande via interoceânica. O projeto se baseia em grande parte no percurso seguido pelo rio *San Juan*, partindo do *San Juan del Norte*; depois de cruzar o lago de Nicarágua, será então cortado o canal artificial no istmo de Rivas, estreita faixa de 35 km que separa o lago do oceano Pacífico, saindo em Brito, aldeia nicaraguense próxima de *San Juan del Sur*. A projetada rota terá uma longitude total calculada em 260 km, sem contar com o trajeto pelo lago; enquanto a do Panamá apresenta-se com uma longitude de 81.300 km.*

Sob o ponto de vista climático, a Costa Rica apresenta nas suas maiores altitudes *temperaturas frias* (5 graus centígrados), em geral acima dos 2.000 metros, onde as *chuvas são escassas*; sua *zona tórrida* (27 graus centígrados), nas planícies costeiras, já apresenta *chuvas abundantes*; e a sua *zona temperada* estendendo-se pelo vale e planalto Central (15 graus centígrados), com *chuvas regulares* de abril a novembro.

Levando-se em conta o fator climático, encontra-se na região central do país o principal núcleo de atividade econômica e política. Localiza-se aí a capital, *San José* a 1.135 metros acima do nível do mar, com ruas de 12 metros de largura cortando-se perpendicularmente, formando quadras ou manzanas de 86 metros de cada lado. A capital costarriquenha está ligada por ferrovia de 165 km a *Limón*, porto de maior movimento comercial do país no mar do Caribe; este porto-cidade é bastante moderno, pois suas ruas e avenidas são largas e de traçado retilíneo.

San José conecta-se também com *Puntarenas*, da qual dista 90 km; esta cidade se constitui no porto principal da América Central e do país no Pacífico, devendo seu nome ao fato de se encontrar situada numa estreita faixa de terra arenosa, na parte oriental do

* Vide *Atlas de Relações Internacionais* An.º 5 — “A Nicarágua e seu Canal” e n.º 7 — “O Canal do Panamá”.



MAPA ORGANIZADO POR:
THEREZINHA DE CASTRO — 1973

DivEd/D—pmsl

golfo de Nicoya. Como foco ativo de turismo, bastante freqüentado, sobretudo no verão, caracteriza-se pelas numerosas casas de madeira. Nessa região arenosa, formada pela península de Nicoya, destaca-se, entre outros centros, o de *Libéria*, chamada "a cidade branca" pela coloração de seu solo; trata-se de importante mercado agropecuarista do país.

Bem próximas da capital se encontram *Alajuela*, *Herédia* e *Cartago*. Esta última, a 22 km de San José, numa altitude de 1.500 metros, foi a antiga capital colonial fundada em 1563; é hoje uma cidade tranqüila, com seus prédios antigos que o terremoto de 1910 não conseguiu destruir, ao lado de edifícios modernos e ruas largas que surgiram após sua reedificação.

País preponderantemente agrícola, tem no *café* (48%), *banana* (28%) e *cacau* (4%) seus principais produtos, representando 80% de suas exportações. Os cafezais se estendem preferentemente pelas regiões temperadas, enquanto o cacau e a banana são cultivados nas zonas costeiras tropicais. Como nos demais países da América Central, as plantações de bananas são atividades exclusivas de companhias estrangeiras, entre as quais a United Fruit Co. no Pacífico e a Standard Fruit Co. no Caribe.

Os *pastos* ocupam 14,2% do território de Costa Rica, ultrapassando os 5,6% destinados à agricultura. As regiões pecuaristas se encontram de preferência nas terras baixas da vertente do mar do Caribe, embora a província de Guanacaste, no litoral norte do Pacífico, tenha se especializado na produção de carne.

A pesca tem importância no país, principalmente a do atum na *ilha do Coco* (30 km²) que se encontra a 500 km da costa, no Pacífico; a indústria de conserva desse pescado está estabelecida em Puntarenas.

As *florestas* cobrem 71,3% do território costarrriquenho, com inúmeras e variadas espécies, entre as quais o pau-rosa, mogno, ébano e cedro; no entanto tais recursos, com exceção do cedro, são ainda pouco explorados. O país é rico em *recursos minerais*, também pouco explorados; as principais jazidas de ouro, prata e manganês se encontram na região de Guanacaste; as jazidas de cobre, ferro, chumbo e petróleo estão em Talamanca; havendo no vale central jazidas de bauxita.

A quase *monocultura* a que está ligada a economia do país leva-o para o quadro dos subdesenvolvidos. Por ou-

tro lado, a grande concentração da população na zona central temperada deixa bastante marginalizadas as demais zonas do país.

2 — Formação do Estado

A primeira visita dos espanhóis ao território de Costa Rica foi feita por Colombo, em 1502, na região de Cariay, onde hoje se encontra o porto de Limón, no transcurso de sua quarta viagem.

Sob o ponto de vista administrativo, no período colonial a Costa Rica integrou a *Capitania Geral da Guatemala*. Em 1821 co-participou do *Império Mexicano* de Iturbide, no momento em que toda a América Central se desligava da Espanha.

Três anos depois, separando-se do México, formou com as demais repúblicas do istmo a *Federação Centro-Americana*. Quando em 1833 essa Federação se desfez, a Costa Rica continuou a usar o nome de *Estado Livre*, que havia adotado durante a união; só em 1848 transformou-se na *República de Costa Rica*.

Afastada do grupo centro-americano, por sua situação protegida no extremo meridional, a Costa Rica foi, no conjunto, o país mais politicamente estável; de um modo geral os partidos se revezam no poder, vencendo quase sempre os candidatos da oposição. A 12 de fevereiro de 1970, eleito para um período de 4 anos, José Figueres tornava-se o Presidente da República; Figueres, candidato da esquerda democrática, pelo *Partido de Libertação Nacional*, vencia a Mário Echandi, apoiado pelo *Partido de Unificação Nacional* então no poder. Realizadas, em fevereiro de 1974 as eleições na Costa Rica, era eleito Daniel Oduber Queirós, veterano correligionário de José Figueres. No entanto, Oduber não conseguiu a maioria absoluta dos votos, o que não o impediu de eleger-se, já que as leis do país aceitam os 40%. Numa Assembleia Legislativa de 57 membros se elegiam 32 pelo Partido de Libertação Nacional, fazem vinte anos; desta feita baixando para 26 membros, perdeu o governo a maioria. Assim, Oduber reconhece ter que governar sem maioria legislativa usando da tática da unidade nacional, para não ver paralisadas suas medidas de caráter interno.

A República da Costa Rica não possui *Forças Armadas*, uma vez que sua Constituição o proíbe.

Sua *população indígena* localiza-se principalmente na região costeira do Pacífico, enquanto os *negros e mulatos* se encontram na área do Caribe. A grande quantidade de *estrangeiros* entrada no país, ao lado dos *espanhóis*, preferiu a zona central, perfazendo os 85% da população branca costarriquenha.

A estabilidade política, bem como o clima excelente de sua zona central

temperada e mais povoada, deram ao país o cognome de "*Suíça da América Central*".

Por sua localização no istmo, tendo *ao sul o canal do Panamá*, e ao norte a esperança de um possível *canal de Nicarágua*, terá no futuro, a Costa Rica, *privilegiada posição geopolítica*.

(fevereiro de 1974)